# Regresso AO INFERNO

**MONCHIQUE** Um dos maiores incêndios de 2003 foi reeditado agora

INÁCIO LUDGERO

# SOCIEDADE

Apesar dos 80 milhões de euros disponibilizados pelo Governo para a prevenção, a área ardida até agora já é superior à do mesmo período de 2003. As críticas voltam a apontar para a escassez de meios. Os 420 mil hectares de floresta desaparecida no ano passado não foram suficientes para Portugal aprender a lição

No terraço da vivenda, rodeada por cães Labrador, Maria Arlete submete-se a uma chuva de cinzas que descem do alto do Parque Natural da Arrábida (PNA), no concelho de Setúbal. Há várias horas que não abandona o posto, vigilante, temendo reviver o pesadelo que se abatera sobre o Vale da Rasca, no dia anterior, domingo, 25. Os enormes muros que escondem a casa tinham sido lambidos pelas chamas que pintaram a terra de negro. A família foi obrigada a fugir, quando a borracha da pequena mangueira com que combatia o fogo já começava a derreter-se.

A frustração de Maria Arlete arrasta-se desde 6 de Julho, data do primeiro incêndio na serra. No dia seguinte, assustada, combinou com a irmã contratar pessoal para limpar o terreno adjacente à vivenda. «O dono nunca cá está, e aquilo tinha muito lixo. Infelizmente, começou tudo a arder, antes de chegarem os homens...»

A catástrofe do ano passado, quando se evaporaram 423 949 hectares de floresta (área equivalente à da região do Algarve), não foi suficiente para abrir os olhos aos portugueses. As matas em redor das casas continuam por cortar, apesar de a lei o obrigar. O cadastro florestal, que permitiria saber de quem são os terrenos e impor a sua limpeza aos proprietários (ou, em última instância, expropriá-los por abandono), está por fazer há dois anos, desde que Isaltino Morais, na altura ministro do Ambiente, o prometeu – ainda para mais 85% da floresta portuguesa pertence a privados. O reduzido investimento no combate, de 32 milhões de euros, no ano passado, teve um reforço de apenas 1,39 milhões. Os meios aéreos contam, agora, com a ajuda suplementar de dois novos helicópteros, que não compensam sequer o acidente que, na semana passada, inutilizou um dos dois únicos aviões pesados disponíveis. E os pedidos de aeronaves a Marrocos e a países da UE (Grécia, Itália, Noruega, Reino Unido, Alemanha e Espanha), após os fogos atacarem só sublinharam as carências nacionais.

Resultado: até 18 de Julho, já arderam 26 mil hectares – mais 5 mil do que no mesmo período de 2003, apesar do investimento-recorde de 80 milhões de euros na prevenção. E a ideia feita de que não ficou muito para arder porque, no Verão passado, «ardeu tudo», conforme ▸

assegurou, recentemente, o ex-ministro da Agricultura Sevinate Pinto, não pode servir de garantia: em bom rigor, «só» desapareceram 8% da nossa floresta, pelo que ainda restam 92% de mancha verde para alimentar as chamas.

BRUNO RASCÃO

**TRAGÉDIA AMBIENTAL** No Parque Natural da Arrábida, candidato a património mundial, arderam cerca de mil hectares de vegetação mediterrânica

## E tudo o fogo queimou

As causas de base de um dos mais preocupantes incêndios – o da Arrábida – desta primeira grande vaga é um pequeno espelho da situação no País. Parcelas de terreno fraccionadas (no Vale da Rasca, 50% da propriedade pertence a pequenos proprietários), votadas ao abandono do mato desgovernado por não darem dinheiro suficiente para valerem o investimento; bombeiros sem outra alternativa do que esperar, nas estradas, pelas chamas, mercê da falta de caminhos até ao coração da serra; os insuficientes meios aéreos, muitas vezes a única solução para encostas impossíveis de galgar; as especificidades de ser um parque natural, com as suas naturais limitações à alteração dos solos... E a crónica falta de comunicação – que, no caso do PNA, teve consequências desastrosas, em boa parte porque os proprietários dos terrenos não conhecem os seus direitos e deveres. «A lei é bastante clara nesse aspecto, obrigando a que os donos limpem, num perímetro de 50 metros, os terrenos adjacentes às casas. Tudo o que exceda esse número terá de ser autorizado pela direcção do parque», explica João Silva Costa, presidente do Instituto de Conservação da Natureza (ICN). «Temos feito vários apelos ao ICN para uma melhor cooperação entre os proprietários e a direcção do parque», contrapõe José Miguel Lupi Caetano, presidente da Associação de Proprietários Florestais. Este pinguepongue de argumentos, confuso para a maioria dos habitantes, estará na origem da tragédia.

## Arrábida cinzenta

Apesar da rede de 11 câmaras de vigilância do PNA, as chamas destruíram, até terça-feira, 27, mais de mil dos 10 mil hectares de vegetação do parque. De pouco valeram os 12 vigilantes e os cinco carros de combate a incêndios, propriedade da direcção do parque – um luxo de meios, em comparação com os disponíveis na maior parte do território nacional.

Lá em cima, não estavam nem pinheiros, nem oliveiras, mas sim maquis mediterrânico. O valor de algumas espécies existentes nas matas da Coberta, do Solitário e do Vidal foi o principal pretexto para a candidatura do parque a património mundial da UNESCO. E uma das razões por que o PNA pertence à Rede Europeia de Reservas Biogenéticas do Conselho da Europa. Nesse dia, o presidente da Câmara de Setúbal, Carlos de Sousa, mostrava-se inquieto com a situação. «Ainda não sei se isto pode prejudicar a candidatura...»

Na terça-feira, as chamas que bailavam a sul da serra, de costas voltadas para as praias da Figueirinha e do Portinho da ▸

## Feito e por fazer

Depois da calamidade do ano passado, o Governo preparou uma série de iniciativas para enfrentar este Verão. Mas muito ficou por fazer...

### ALGUMAS MEDIDAS TOMADAS

- 80 milhões de euros desviados para a prevenção (63,8 milhões para limpeza de matos, abertura de caminhos, etc.), número esmagador se comparado com os 11,25 milhões de que o Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil dispunha, no ano passado
- Mais 40 equipas de sapadores (são agora 160, correspondendo a 800 elementos), que cobrem, desde trabalhos de vigilância e primeiras intervenções, à limpeza de matos. As áreas protegidas contam com 35 equipas de sapadores
- 1 600 militares destacados para vigiar as florestas e 30 para abrir caminhos e aceiros
- 4 vezes mais equipas de vigilância móvel
- Mais 150 elementos nos grupos de bombeiros de primeira intervenção

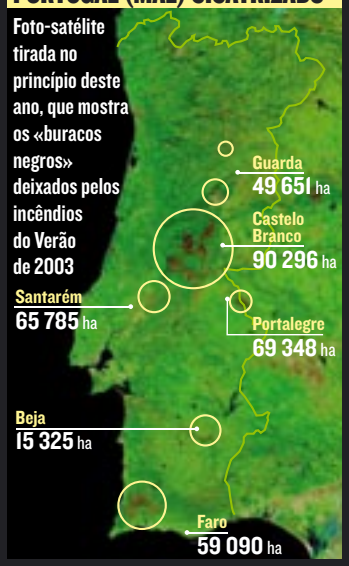
### ALGUMAS FALHAS

- O aumento de 4% do orçamento, de 5% do número de bombeiros disponíveis e mais dois helicópteros não podem ser considerados um investimento estruturante no combate
- Os sistemas de videovigilância nas áreas protegidas estão ainda por implementar
- A abertura de três novos postos de vigia (aumentando para 237, o que dá uma média inferior a um por concelho) é manifestamente insuficiente, sabendo-se que a rapidez na detecção e ataque a um fogo é fundamental para que este não atinja dimensões catastróficas
- A contratação de 33 novos guardas florestais não compensa, sequer, a falta dos 51 que se reformaram entretanto; os 576 guardas existentes estão longe de preencher o quadro de 1 400
- O cadastro florestal, um instrumento fundamental para o ordenamento, e prometido há dois anos pelo então ministro do Ambiente, Isaltino Morais, continua por fazer

# Ameaça VERMELHA

**Ainda o País convalescia da violência dos incêndios do Verão passado que atingiram mais de meia centena de concelhos, e já novas feridas de chamas se abriam em todos os distritos, à excepção de quatro. Mais de 1 100 bombeiros, cerca de 300 veículos e menos de 20 helicópteros e dois aviões canadair combateram os fogos, só na segunda e terça-feira. Em apenas dois dias, o número de incêndios quadriplicou em relação a igual período de 2003**

## PORTUGAL (MAL) CICATRIZADO



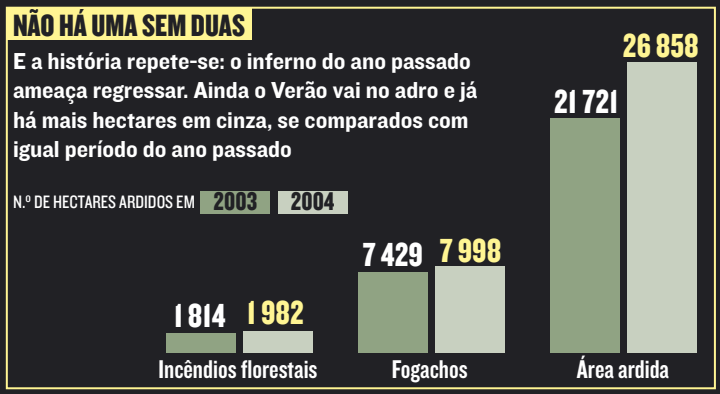

## TERRA MÁRTIR

## INCÊNDIOS, REMAKE 2

Foto-satélite que mostra o fumo e os focos de incêndio do passado dia 27 de Julho

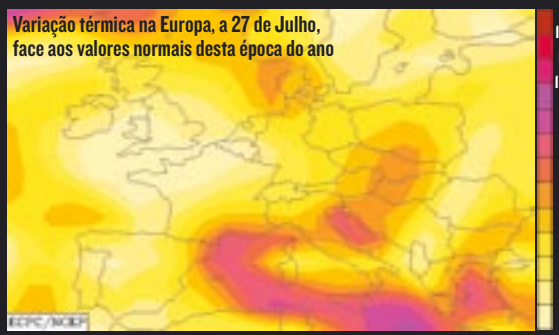
## NÃO HÁ UMA SEM DUAS

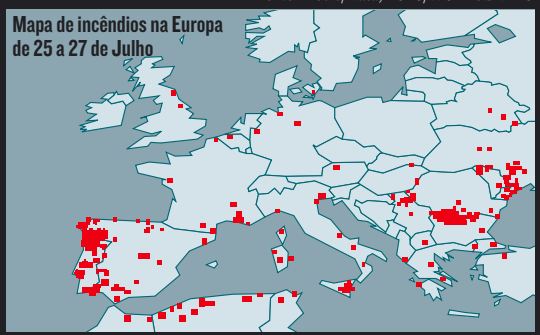
**E a história repete-se: o inferno do ano passado ameaça regressar. Ainda o Verão vai no adro e já há mais hectares em cinza, se comparados com igual período do ano passado**




## CALOR E INCÊNDIOS: PURA COINCIDÊNCIA?

**Apesar de tudo, Portugal não foi tão massacrado pela onda de calor que assolou a Europa, como na Grécia ou na Itália, no princípio desta semana. Porém, foi em palco nacional que alguns dos mais devastadores incêndios aconteceram...**




Fonte: Modis/Nasa, ECPC/WCEP e SNBPC

BRUNO RASCÃO

▸ Regresso ao Inferno

Arrábida, estavam a menos de 2 quilómetros destes santuários naturais. «É a zona mais valiosa de todo o parque», assegura Francisco Ferreira, da Quercus. «São reservas integrais, que contêm espécies, como o carvalho português, medronheiro, loureiro e o zambujeiro. Se fossem queimadas, demorariam mais de um século a regenerar.»

## O meu reino por... água

«Como é que acabou a água?» A pergunta de Alice Smeete, num tom de desespero profundo, parte o coração dos bombeiros que, há mais de oito horas, tentam salvar a sua casa. São três da manhã e as chamas beliscam os cactos gigantes que se espreguiçam no terraço da professora angolana, que, há 25 anos, se apaixonou por este «pedaço de céu» com vista para as encostas verdejantes das Caldas de Monchique, num vale «secreto», onde se anicha a Ribeira do Banho.

Pelos rádios dos bombeiros chegam justificações vagas – «Parece que fecharam os depósitos das termas» – e uma ordem clara: «Retirar». Por mais telefonemas que se façam, as torneiras e as bocas de incêndio continuam secas e as chamas avançam, vorazes. Dos três autotanques de bombeiros, há um que se recusa a abandonar o refúgio paradisíaco que Alice, 48 anos, divide com o marido, Gerardus, 55 anos. Ignorando todas as instruções superiores, cinco elementos do Corpo de Salvação Pública do Barreiro mantêm-se no local, à espera do momento certo para usar contra o «inimigo» a única arma que possuem: uns míseros 2 mil litros de água. Há um mar de chamas que desenha um cerco a todos os caminhos de saída, mas este grupo acredita poder salvar a casa, antes de fugir.

Parecem forcados à espera da investida final de um touro enraivecido. Na cara do fogo, pegando no canhão de água, António Santos, 38 anos. A ladeá-lo, os mergulhadores (agora em terra firme) José Alves, 30, e José Correia, 31. Destemida, no apoio, a enfermeira Ana Martins, 23. E o vigilante António Teixeira, 26, preparado para tudo, como rabejador.

## Floresta em contagem decrescente

Vivem-se momentos de grande angústia, enquanto o fogo engole pinheiros, sobreiros e medronhos a uma velocidade estonteante. Parece imparável. Mas há um momento em que a pega se anuncia, em que alguém grita «agora!» e o fogo se retrai, como um bicho ferido, perante a

## A novela dos meios aéreos

TUDO ALUGADO – Portugal é o único país da Europa mediterrânica que não dispõe de meios aéreos próprios para o combate aos incêndios. A Grécia, por exemplo, tem dezanove. O Serviço Nacional de Protecção Civil conta com dois helicópteros, durante todo o ano, mais 36 aparelhos para o período de 1 de Julho a 30 de Setembro, mas todos eles são alugados.

O ATRASO DOS AVIÕES – O Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil não recebeu a tempo todos os aviões que lhe estavam destinados. O aluguer é feito por concurso público e houve candidatos que recorreram, o que atrasou o processo.

NO POUPAR NÃO ESTÁ O GANHO – Os bombeiros explicam que meios aéreos próprios lhes permitiriam um combate muito mais eficaz aos incêndios. Além disso, aparelhos estatais (em vez de alugados) poderiam ser usados todo o ano, noutras missões dos bombeiros ou do INEM. Ao argumento do Governo de que comprar aviões teria um custo excessivo, eles respondem com as suas próprias contas: em Portugal arderam, em média, 100 mil hectares de floresta por ano, nas últimas duas décadas. Ou seja, o investimento era mais do que justificado.

PEDRO MONTEIRO

**CANADAIR** Em Portugal há dois, e um caiu a semana passada

BRUNO RASCÃO

**NO VERÃO DE 2003 E AGORA** Maria do Carmo e José Mendes, de Vila de Rei, ainda não têm a sua casa completamente reconstruída

força das águas. A ilusão de vitória dura pouco mais de dois minutos. Sem uma gota no autotanque – algo que as regras de segurança proíbem terminantemente – resta fugir e esperar que o fogo não pregue nenhuma rasteira pelo caminho.

Na manhã de terça-feira, a região das Caldas de Monchique entrou em rescaldo. O presidente da Câmara atribuía os cortes de água, durante a noite, à falta de pressão na rede, pela excessiva utilização. As torneiras continuavam secas, mas o refúgio do casal Smeete erguia-se, branco e imaculado, no meio de nuvens de fumo. «Valeram-nos aqueles heróis...», emocionou-se Alice, ao pisar o terraço da sua casa – agora com vista para um vale de cinzas e morte.

Há um ano, o alemão Dietrich Henatsch, 57 anos, não teve a sorte de Alice. A sua casa, perto da aldeia de Casais, 25 quilómetros a oeste de Caldas de Monchique, ardeu com grande parte da serra. Na terça-feira, 27, haveria de confessar, à porta da sua casa reconstruída pela Cruz Vermelha, que não dormia há duas noites, sempre de olho nos clarões que dominavam, ameaçadores, o horizonte. O fogo andava por perto, outra vez. E o medo voltava a apertar-lhe o coração.

## Combustível à solta

À volta da casa do alemão, descansam toneladas de troncos queimados, vestígios dos incêndios do ano passado, que ninguém limpou. Pagam-se 25 euros por tonelada de madeira queimada, o que é pouco para tanto trabalho. Nenhum organismo público se preocupou com este «combustível», que agora volta a alimentar as chamas.

INÁCIO LUDGERO

INÁCIO LUDGERO

**DIETRICH HENATSCH** A Cruz Vermelha reconstruiu-lhe a casa devorada pelas chamas no ano passado, em Monchique. Agora o fogo ronda-lhe a porta, novamente

O devastador fogo de 2003, em Monchique, foi uma das razões que conduziram à sua exclusão da carta de risco de incêndio, o que enfureceu o presidente da Câmara. «A retirada de Monchique é uma tontice de académicos que não têm conhecimento do que se passa no terreno», critica Carlos Tuta.

Não é esse o entendimento de Cardoso Pereira, do Instituto Português de Agronomia, que elaborou as cartas de risco com que o Governo se orientou. «As áreas ardidas em 2003 funcionam, na maior parte dos casos, como barreira aos fogos deste ano.»

A serra de Monchique não está sozinha no abandono a que foi votada: o resto do Algarve acompanha-a. O programa de vigilância pelos militares deixou de fora a região, porque, segundo Sevinate Pinto, a mancha florestal não é significativa (apesar de um dos maiores incêndios do ano passado ter sido justamente aqui). Na realidade, não haver quartéis activos no Algarve dificultaria (e encareceria) o programa naquela região...

## Descoordenação continua

Rodeado de chamas, no topo do Cerro do Selão, em Monchique, o comandante José Jaime tenta, em vão, comunicar com o Posto de Comando. O vento virou outra vez, na serra algarvia, e os bombeiros experimentados sabem bem o que isso significa: más notícias.

«Estivemos a preparar tudo para apanhar o fogo num sítio e agora está a fugir-nos para outro», explica, como se falasse de um animal feroz. Enquanto segue o avanço de várias colunas gigantes de labaredas, vai experimentando frequências de rádio e gritando: «Escuto»... mas ninguém o ouve. O seu telemóvel também não tem rede. Vale-lhe o do motorista. Estabelecida a ligação, acaba a pedinchar a outro comandante que envie alguém para a Torrinha, na Estrada Nacional 124, onde há casas ameaçadas. Mesmo sabendo que os meios são escassos, as reticências do ▸

outro lado da linha deixariam qualquer um desesperado: «Se preciso mesmo de mais um carro? Ó homem, precisava de mais 50! Precisava de um dilúvio!»

José Jaime comanda os Bombeiros Voluntários de Vila de Bispo e, com o desalento de quem não dorme há 36 horas, garante que os meios disponíveis são «exactamente os mesmos» do Verão passado. «Poucos, muito poucos. E com a agravante de que este ano os carros estão em piores condições...»

Na tarde de segunda-feira, cerca de 150 bombeiros eram apoiados por dois helicópteros e um Canadair. O comando considerou que a situação estava mais calma e deslocou o avião para a Arrábida e um helicóptero para Almodôvar. O outro helicóptero avariou-se. E, em poucas horas, a situação ficou completamente descontrolada. Só na noite de segunda-feira arderam mil hectares da serra algarvia (2 500, desde o início dos incêndios, há uma semana, sendo que o grosso da área ardida era montado de sobro). Os números de reforço de meios esgrimidos pelo Governo pouco sentido fazem quando se está cercado pelas chamas (ver *Feito e por fazer*).

INÁCIO LUDGERO

**PARAÍSO AMEAÇADO** A casa de Alice e Gerardus, perto de Caldas de Monchique, foi salva por cinco bombeiros do Barreiro que ignoraram ordens superiores para abandonar o local

## Uma negra novela

A criação da Agência para a Prevenção de Incêndios Florestais (APIF), anunciada ainda em 2003 por Sevinate Pinto, transformou-se numa novela: a sua primeira reunião aconteceu no último dia de Junho passado, duas semanas antes de o seu director-geral, Luís Pinheiro, ser promovido a secretário de Estado das Florestas do Governo de Santana Lopes. Obviamente, não chegou a tempo de se tornar, já este Verão, o órgão de coordenação central que se esperava.

O caso da APIF é um dos exemplos aproveitados por José Alho, presidente da Liga para a Protecção da Natureza (LPN), para mostrar que os 80 milhões de euros disponibilizados para a prevenção não servem de nada se forem utilizados em medidas avulsas. «Não basta anunciar e gastar dinheiro sem ter uma visão estratégica. A situação da APIF, que deveria garantir a articulação das políticas de prevenção, revela-se em coisas tão simples como a ausência de emissão dos alertas diários de risco de incêndio.»

A falta de um planeamento integrado, continua o ambientalista, acaba por prejudicar também o combate às chamas. «Não adiantam mais pontos de abastecimento de água para os helicópteros se não derem aos pilotos informação cartográfica detalhada. Eles continuam a navegar à vista.» Muitas vezes, nem o contacto por rádio, com os bombeiros em terra, ajuda – o facto de muitos dos pilotos serem estrangeiros dificulta de tal forma as comunicações que, no ano passado, pelo menos um avião chegou a apagar linhas de contrafogo...

A opção pelo aluguer e a falta de meios próprios é igualmente criticada por Carlos Alberto Leal, vice-presidente da associação dos Bombeiros Profissionais. «Espanha adquiriu 32 meios aéreos para o combate aos fogos florestais, com fundos europeus, e Portugal não aproveitou esse programa.»

As medidas de fundo (repovoamento do espaço florestal, incentivos fiscais para a limpeza das matas) também continuam por avançar. Domingos Patacho, da Quercus, admite que «décadas de desordenamento florestal não se resolvem de um ano para o outro». Mas mesmo as medidas mais imediatas falham. O Governo anunciou, em Maio, que o corpo de guardas florestais engordou, com 33 novos elementos, mas os sindicatos apressaram-se a recordar que tal não foi suficiente para compensar os 51 reformados. E o quadro de 1 400 ainda está longe de ser preenchido – no total, existem apenas 576 guardas. «A vigilância e a fiscalização, fundamentais para dissuadir certas práticas negligentes e proibidas [queimadas e fogueiras], são insuficientes», acusa Domingos Patacho.

## Futuro calcinado

Na segunda-feira, ao olhar para o noticiário, na televisão, chorou com a desconhecida que tudo perdeu nas chamas. Maria do Carmo, 63 anos, sabe o que é ver os seus bens desfazerem-se em fumo

**Fogo de vista** A diferença entre os crimes registados pelas autoridades e o número de arguidos condenados a pena de prisão é abissal

VISÃO

| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|---|---|---|---|---|
| Crimes de fogo florestal | 5 225 | 4 951 | 4 807 | 5 209 |
| Arguidos | 33 | 30 | 20 | 18 |
| Condenados | 16 | 16 | 7 | 6 |

Fonte: Ministério da Justiça

## »NÚMEROS ESCALDANTES

**ÁREA ARDIDA EM 2003**

**423 949** hectares (o equivalente à região do Algarve)

**ÁREA ARDIDA EM 2004* (ATÉ JULHO)**

Mais de **32 000** hectares (quatro vezes a cidade de Lisboa)

**2003**

MORTOS **4** bombeiros e **17** civis

CASAS Danos em **2 500** edifícios

PREJUÍZOS **1200** milhões de euros

**2004**

Apesar de ninguém ter sucumbido aos incêndios, muitos foram os feridos e intoxicados que, durante o fim-de-semana, segunda e terça-feira, acorreram às urgências hospitalares.
Casas e danos materiais ainda estão por contabilizar

e cinzas. Sabe também quanta coragem é precisa para recomeçar da estaca zero. O marido, José Mendes, já deixou de se levantar da cama a meio da noite para ir cavar até de madrugada o seu terreno, em Vila de Rei. E a base de subsistência da família de carpinteiros está novamente garantida. Após sete meses de inactividade, José volta a trabalhar na sua oficina.

Mesmo assim, um ano depois da desgraça «que nunca mais se esquece», o casal ainda vive numa habitação cedida pela Junta de Freguesia da Fundada. Para o regresso definitivo à normalidade terão de esperar até terminarem as obras na casa, reconstruída no mesmo local. Enquanto os trabalhos, financiados pelo município, não acabarem, e o interior da habitação cheirar a madeira nova e a tinta fresca, dificilmente o olhar triste se dissipará do rosto de José. E a paisagem acompanha a sua melancolia. Troncos calcinados alinham-se encosta abaixo, como um exército de varas de carvão vegetal. Após os fogos do ano passado, pouco é o verde a conseguir insinuar-se nos montes, junto do troço da N2 que leva à Sertã. Um ano depois da calamidade, as cinzas ainda asfixiam toda a vida na Fundada. Até a placa que indica que se chegou à localidade continua queimada.

Nas outras freguesias do concelho de Vila do Rei, o panorama não é mais animador: três em cada quatro hectares de terreno arderam, neste município do distrito de Castelo Branco. O solo já dá sinais de erosão, porque raízes queimadas não agarram terras. Muitas árvores semiqueimadas morreram de pé.

Ali perto, Maria de Lurdes, 77 anos, «traz um zumbido na cabeça» por causa do desgosto. Nem os comprimidos o conseguem aplacar. Mas o Inverno mais triste da sua vida não lhe apagou o sorriso. No meio da sua horta verdejante, conta como, há um ano, o fogo subiu o vale. Foram-se as cabritas, as colmeias, as aves de capoeira, os cães e toda a existência.

Hoje, Maria de Lurdes e o marido, Manuel Pedro, 82 anos, já não remexem em cacos calcinados. A vida do casal de reformados regressou à normalidade quando, em Maio, deu entrada na nova casa, na Fonte das Eiras (Fundada). Maria de Lurdes sofreu muito. Só ela «e Deus» sabem quanto. Aquele tempo todo, disfarçou-o a sorrir, porque era preciso dar coragem ao seu homem. «Estava com medo que ele se fosse abaixo.» ■

**Luís Ribeiro com Emília Caetano, Francisco Galope, João Dias Miguel, Maria Fernandes, Patrícia Fonseca e Ricardo Fonseca**

Clima

# A onda africana

Faro bateu o recorde da temperatura mínima mais alta alguma vez registada em Portugal. A culpa é de um anormal fluxo de ar quente vindo do Sara

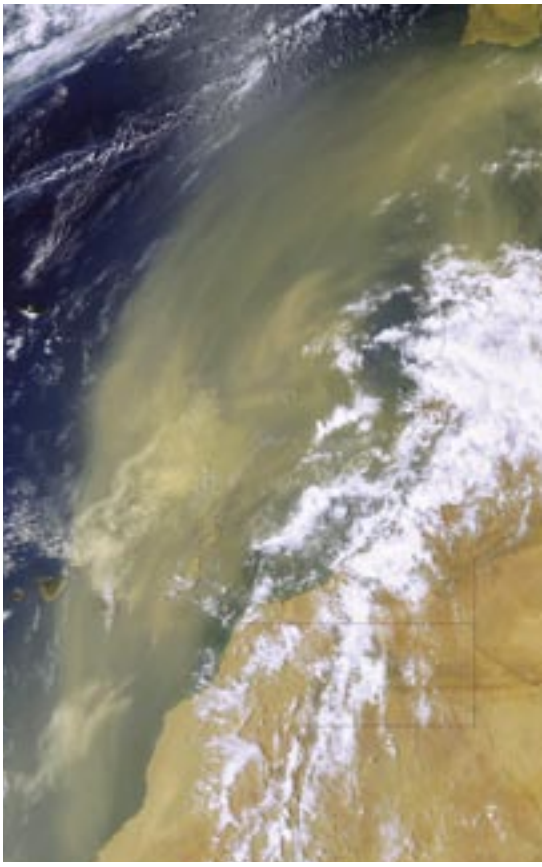
Na quinta-feira, 22, o Algarve foi atingido por ventos de sul que resultaram num aumento da temperatura até valores nunca antes registados. Os 44,3°C nos termómetros de Faro no domingo, 25, transformaram o anterior recorde (39,8°C, em Agosto de 1975) numa fresca recordação. Na madrugada seguinte, o mercúrio nunca baixou dos 32°C, ultrapassando por uma margem confortável a temperatura mínima mais alta de sempre, até aí pertença de Portalegre: 30,7°C, a 1 de Agosto do Verão passado.

Massas de ar com origem no Norte de África não são fenómenos estranhos na região sul. «Mas a brisa oceânica de sudoeste costuma arrefecer a temperatura, sobretudo a partir da tarde, o que não aconteceu desta vez», explica Nuno Moreira, do Instituto de Meteorologia. Entre sexta-feira e domingo, as poeiras vindas do Sara (fruto de tempestades de deserto), que acompanharam os ventos quentes, chegaram a cobrir a maior parte do território nacional. As temperaturas no resto do País, apesar de altas, não fugiram muito aos valores habituais para esta época.

A Direcção-Geral de Saúde tem difundido todos os dias alertas amarelo e laranja (riscos para a saúde), em vários distritos, devido ao calor exagerado. As recomendações passam, essencialmente, por evitar sair à rua nas horas de maior calor e pela ingestão de muita água (idosos e crianças são grupos muito vulneráveis).

## O outro problema

Além das temperaturas, as altas concentrações de ozono estão também no topo das preocupações das autoridades. Só na semana passada, os níveis máximos a partir dos quais é necessário emitir um alerta (180 microgramas por metro cúbico) foram ultrapassados 46 vezes. Entre os locais mais afectados estão Estarreja, Santo Tirso, Seixal, Lisboa e Braga – na cidade dos arcebispos chegaram a registar-se 267 mg/m3.



**VENTOS DO DESERTO** País coberto por poeiras

A responsabilidade é da poluição das indústrias e dos automóveis, aliada às altas temperaturas e à ausência de vento e de nebulosidade.

«Até há um ou dois meses, ainda havia algumas falhas na comunicação, mas agora os avisos têm estado a funcionar», refere Francisco Ferreira, dirigente da Quercus. «O problema é que, apesar de as notas serem emitidas para os *media*, estes nem sempre as divulgam em tempo útil.»

O Instituto do Ambiente recomenda (principalmente aos idosos, crianças e pessoas com problemas cardiovasculares e respiratórios) que, nessas alturas, se evitem actividades físicas e se permaneça em casa, com as janelas fechadas. ■